

# A FAINA TUPIGUARANI SOBRE O BARRO: características gerais e especificidades regionais da cerâmica Tupiguarani

## TUPIGUARANI WORK ON THE CLAY: general characteristics and regional specificities of Tupiguarani pottery

*Alencar Miranda Amaral<sup>1</sup>*  
*Rosemary Aparecida Cardoso<sup>2</sup>*

### RESUMO

O presente artigo visa apresentar as principais características da tecnologia cerâmica associada à tradição Tupiguarani. Analisamos a literatura arqueológica objetivando identificar tanto aspectos que são considerados gerais à olaria Tupiguarani; quanto compreender suas especificidades regionais. Assim, buscamos evidenciar e reconhecer a unidade na diversidade, para deste modo problematizar os limites e possibilidades inerentes ao uso do conceito de tradição Tupiguarani.

**Palavras Chaves:** Tradição Tupiguarani; Tecnologia Cerâmica; Arqueologia.

### ABSTRACT

The present article aims to present the main characteristics of ceramic technology associated with the Tupiguarani tradition. We analyze the archaeological literature aiming to identify aspects that are considered general to the Tupiguarani pottery; and understand their regional specificities. Thus, we seek to evidence and recognize unity in diversity, in order to problematize the limits and possibilities inherent in the use of the Tupiguarani tradition.

**Key words:** Tradition Tupiguarani; Pottery Technology; Archeology.

### INTRODUÇÃO

Desde o final do século XIX, a produção oleira dos grupos indígenas que habitavam o vasto território brasileiro chama a atenção de alguns estudiosos. Especial

---

<sup>1</sup> Alencar Miranda Amaral é graduado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), especialista e mestre em Ciência da Religião pela UFJF, e doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é colaborador do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF, professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia Universidade Federal de Pernambuco, e professor dos cursos de graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial e de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

<sup>2</sup> Possui graduação em Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, graduação em História (Licenciatura) pelo Centro Universitário Claretiano. Mestrado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco. É colaboradora do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF.



interesse é dedicado à cultura material Tupi-guarani, que para muitos pesquisadores eram os responsáveis pela produção de vasilhames cerâmicos descobertos em vários pontos do país (MÉTRAUX, 1928).

A caracterização das indústrias ceramistas espalhadas pelo país, e a tentativa de identificar os grupos culturais, ou étnicos, responsáveis por sua produção, foram a força motriz para as pesquisas arqueológicas desenvolvidas nas décadas de 1960 e 1970 (PRONAPA, 1969). Nesse contexto, é no âmbito dos trabalhos desenvolvidos pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) que prosperam os esforços para definição dos elementos centrais e recorrentes na olaria pré-histórica do Brasil, que passou a ser descrita e diferenciada a partir das tradições arqueológicas (SCATAMACHIA, 1981, p.15).

Assim, definiu-se por Tupiguarani

Uma tradição cultural caracterizada principalmente por cerâmica policrômica (vermelha ou preta sobre engobo branco e ou vermelho), corrugada e escovada, por enterramentos secundários em urnas, machados de pedra polida, e, pelo uso de tembetás (CHMYZ, 1969, p.8).

Esta definição pauta-se, sobretudo, na recorrência de “elementos diagnósticos” (principalmente aspectos tecnológicos da cerâmica como o acabamento de superfície) e em fontes etno-históricas que correlacionam esses elementos com grupos indígenas pertencentes ao tronco lingüístico Tupi (OLIVEIRA, 1991).

Os relatórios produzidos durante a vigência do PRONAPA demonstram que os pesquisadores amalgamaram em uma única classe, um conjunto de grupos étnicos que habitavam a zona litorânea, desde o norte ao sul do país. Através de características muito gerais da cerâmica, integrou-se diferentes grupos étnicos, que até onde se sabia, só compartilhavam de uma mesma produção material. Contudo, devemos mencionar que essa associação não foi inaugurada pelo PRONAPA. Na verdade, ela já vinha sendo realizada no Brasil muito antes do estabelecimento de uma arqueologia propriamente científica. Desde o final do século XIX, os pesquisadores já tinham percebido as semelhanças entre a cerâmica produzida por grupos relacionados ao tronco lingüístico Tupi, conhecidos historicamente, com aquela evidenciada em sítios arqueológicos da costa brasileira, onde as fontes etno-históricas atestavam a presença de grupos Tupinambá, Guarani, Tamoio, entre outros (SCATAMACCHIA, 1990).

Essa associação entre aspectos tecnológicos e dados etno-históricos, também foi utilizada na tentativa de explicar algumas diferenças existentes entre os sítios arqueológicos,



o que até hoje gera uma série de críticas. Nesse sentido, os sítios dos estados meridionais foram enquadrados, majoritariamente, na subtradição “Guarani” ou “Corrugada”, já aqueles da faixa litorânea, especialmente os do Sudeste e Nordeste, foram correlacionados à subtradição “Tupinambá” ou “Pintada”.

Em um cenário teórico mais amplo, estudos desenvolvidos no âmbito da etnoarqueologia e etnologia levantaram críticas severas a associações entre cultural material, língua e grupo étnico (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, LIMA, 2011). Atualmente afirma-se que tais associações se fundamentam em um conceito normativo de cultura, típico do histórico-culturalismo, que na prática acaba por impor duas premissas às pesquisas arqueológicas. A primeira é a de que as semelhanças detectadas na cultura material são sempre fruto de grupos sociais portadores de uma mesma identidade cultural, lingüística e étnica. A segunda é que pessoas diferentes, vivendo em lugares diferentes e em tempos diferentes, e que por ventura apresentem uma cultura material semelhante, obrigatoriamente devem ter o mesmo tipo de comportamento (LIMA, 2011).

Observamos que, para além das críticas, obviamente pertinentes, de modo geral, a principal preocupação naquele momento era delimitar o alcance conceitual do termo, padronizando a sua grafia e definindo suas principais características, de modo a torná-lo inteligível e operacional de Norte a Sul do país. Ao que tudo indica, este objetivo parece ter sido alcançado. Pois, como demonstraremos a seguir, a ampla bibliografia produzida sobre o tema engloba tanto aspectos gerais do labor Tupiguarani sobre o barro, quanto idiosincrasias geridas em contextos locais.

## **UNICIDADE NA DIVERSIDADE: CARACTERÍSTICAS GERAIS DA CERÂMICA TUPIGUARANI**

Na olaria Tupiguarani a técnica de confecção das vasilhas é, predominantemente, o acordelado, utilizando a sobreposição de roletes ou cordões de argila em espiral desde a base, que pode ser modelada (RIBEIRO, 2008, p.179). Com o intuito de garantir maior maleabilidade e resistência da pasta a ser trabalhada, pode ser adicionado à argila algum tempero ou antiplástico.

Além de cacos moídos de cerâmica, a pasta recebe geralmente um antiplástico de areia. Porém, há grande variação regional na constituição e emprego do antiplástico, sendo utilizado, também, o carvão vegetal (Paraná, São Paulo), conchas moídas (litoral carioca), cariapé e cauxi (nos sítios da região Norte), bolos de argila (Nordeste), entre outros (PROUS, 1992, p.390).



A compactação e dureza da cerâmica variam, de acordo com a composição da pasta e tipo de queima, mas não são geralmente muito elevadas (PROUS, 1992, p.390). A queima é majoritariamente incompleta, tendo sido realizada em fogueiras abertas que não atingiam temperaturas muito elevadas.

Os acabamentos de superfície receberam grande atenção dos arqueólogos, e como mencionado, serviram de base para a definição das “subtradições”. De modo geral, na superfície externa observa-se alisamento, pintura (que inclui engobo<sup>i</sup> e banho<sup>ii</sup>) e tratamento plástico; na superfície interna ocorre o alisamento ou a pintura (SCHMITZ, 2010, p.7-8).

O corrugado<sup>iii</sup>, e suas variações (corrugado simples<sup>iv</sup>; corrugado simples ungulado ou corrugado telhado<sup>v</sup>; corrugado complicado<sup>vi</sup>; corrugado ungulado<sup>vii</sup>; corrugado imbricado<sup>viii</sup>; corrugado espatulado<sup>ix</sup>; corrugado digitado<sup>x</sup>), destaca-se como o acabamento plástico mais recorrente.

Contudo, uma considerável gama de alterações plásticas de superfície foi identificada na cerâmica Tupiguarani, entre os quais destacamos: o roletado<sup>xi</sup>; ungulado<sup>xii</sup>; pinçado ou beliscado<sup>xiii</sup>; serrungulado<sup>xiv</sup>; acanalado<sup>xv</sup>; ponteados<sup>xvi</sup>; inciso<sup>xvii</sup>; impresso<sup>xviii</sup>; escovado<sup>xix</sup>.

Cabe ressaltar que, em alguns casos, diferentes formas de acabamento de superfície foram usadas complementarmente na mesma vasilha (SCHMITZ, 2010, p.12). E apesar da grande variedade de acabamentos plásticos, e das inúmeras possibilidades de combinações; poucas fórmulas alcançam uma popularidade significativa, e as combinações são sempre raras (PROUS, 1992, p.391).

Segundo Schmitz (2010), esta realidade revela que os acabamentos plásticos mais do que simples elementos decorativos, apreciados unicamente por seu valor estético, devem ser encarados como elementos técnicos dotados de um valor funcional. Isso pode ser observado principalmente nas vasilhas corrugadas onde, “a parede enrugada, em contato com o fogo aberto, expõe à ação das chamas uma superfície maior que uma parede lisa, porque cada uma das rugosidades capta mais um pouco de calor para aquecer o conteúdo dos recipientes” (SCHMITZ, 2010, p.10).

Schmitz argumenta que o valor funcional dos tratamentos plásticos de superfície influencia o emprego diferencial desses tipos de acabamento em áreas específicas dos vasilhames.

A superfície externa das vasilhas com ângulo frequentemente apresenta diferenças da parte basal, que pode ter um Corrugado raso ou um



Escovado, para a parte superior, com um Corrugado mais saliente e, ainda frequentemente, um Corrugado Telhado. Esta diferença pode ter explicação funcional: a base assenta diretamente sobre as brasas, ao passo que o corpo precisa captar o calor das chamas circundantes; quanto mais rugosidades e barreiras apresentar, mais eficiente será essa captação” (SCHMITZ, 2010, p.15).

Podendo ainda, estarem correlacionados à morfologia das peças e ao tipo de alimento a ser preparado.

As formas bojudas que chamamos panelas ou grandes vasos são tradicionalmente associadas à preparação de alimentos líquidos ou pastosos sobre o fogo. Sua forma mais funda e fechada, como nossas panelas, é adequada para cozinhar alimentos. A borda extrovertida facilita o acesso ao seu conteúdo do recipiente. Mas a borda voltada para dentro lhe dá mais volume e a mantém mais fechada. Os grandes vasos Corrugados Complicados, ou Corrugados Ungulados, além de serem utilizados para cozinhar, provavelmente serviam também para preparação de bebidas fermentadas, previamente aquecidas para apressar a fermentação (SCHMITZ, 2010, p.18-19).

Se em pesquisas mais recentes o acabamento plástico é analisado sob o ponto de vista funcional, o mesmo não se dá com os vasilhames pintados. Cujo, acabamento de superfície é interpretado como composto por uma miríade de símbolos cujos verdadeiros significados jazem na memória dos artífices que os produziram. Sendo, contudo, considerados por alguns arqueólogos como correlacionados ao universo religioso e aos rituais antropofágicos supostamente praticados pelos ceramistas Tupiguarani (PROUS, 2010; BUARQUE, 2009).

O acabamento pintado, pela sua grande beleza estética e acuidade técnica, sempre chamou a atenção dos arqueólogos que trabalharam em sítios Tupiguarani. Em consequência disto, como mencionamos anteriormente, a cerâmica com decoração em traços policrômicos sobre fundo engobado foi reconhecida como elemento diagnóstico dessa tradição arqueológica (PROUS, 1992, p.390).

A decoração pintada aparece tanto na parte externa dos potes globulares quanto na parte interna e externa das vasilhas abertas. Podendo se dar na forma de banho, engobo ou arranjos policrômicos (PROUS, 1992, p.393).

Os pigmentos, exclusivamente de origem mineral, conforme revelam os testes físico-químicos (MAGALHÃES et. al. 2010), são geralmente aplicados antes da queima. Sendo as cores mais recorrentes o vermelho, o preto e o branco. O branco foi utilizado, principalmente, na forma de engobo, sendo raras as peças onde esta cor deu forma a traços e pontos; já o preto foi utilizado exclusivamente para delinear os motivos pintados,



especialmente sobre o engobo branco; enquanto o vermelho foi utilizado tanto em banhos como no engobo, sem deixar de mencionar, é claro, seu emprego na delimitação e pintura de faixas que ressaltam o relevo das peças – carenas de bojo e reforço da borda, assim como os próprios lábios (PROUS, 2010, p.129-132).

Os motivos decorativos raramente são aplicados diretamente sobre a superfície da cerâmica, sendo que quase sempre as linhas finas e pontos se destacam sobre um fundo engobado. Os traços elementares organizam-se para formar motivos retilíneos, triangulares, curvilíneos, ortogonais, diagonais, formando círculos, cruces, gregas, rosetas, volutas, entre outros (PROUS, 2010, p.143-151).

Para elaboração destes grafismos os Tupiguarani, possivelmente, utilizavam diferentes instrumentos, adequados aos efeitos desejados. Assim, traços finos lineares e pequenos pontos podem ter sido realizados com talos vegetais ou penas; nos traços mais espessos há a possibilidade do uso dos dedos ou de varetas “encapadas” com algodão (PROUS, 2010, p.134-135).

Algumas pesquisas indicam uma correlação entre a morfologia dos vasilhames cerâmicos e a utilização da pintura policrômica. Assim, este acabamento de superfície seria recorrente na maioria das peças carenadas com ombro, e nas formas abertas e rasas de boca oval e retangular (PROUS, 1992, p.393-395). Contudo, os vestígios arqueológicos indicam que a maior parte dos utensílios cerâmicos produzidos eram apenas alisados, não recebendo nenhum tipo de pintura ou acabamento plástico (PROUS, 1992, p.390).

Tendo com foco uma análise morfológica e funcional, a cerâmica Tupiguarani é considerada como predominantemente doméstica e utilitária. Apresentando formas esféricas, piriformes, ovais e quadrangulares. Dando contorno a peças como potes, tigelas, panelas e grandes vasos com ombro e pescoço, cujos tamanhos variam desde os pequenos potes que comportariam menos de 1 litro, até grandes vasos que aceitariam mais de 100 litros (SCHMITZ, 2010, p.7-8). Sendo comuns vasilhames “esferóides de bordas extrovertidas de 8 a 20cm de diâmetro, cuja altura chega a dois terços da largura”; e peças em “calota de esfera, cuja altura não ultrapassa um terço da largura”, que apresentam um fundo arredondado ou cônico e boca circular (PROUS, 1992, p.395).

Pesquisas arqueológicas, desenvolvidas desde a década de 1970, buscam estabelecer uma correlação viável entre a forma dos vasilhames cerâmicos e os hábitos alimentares dos povos que os produziram. Deste modo, diferentes categorias morfológicas representariam objetos destinados a cumprir funções específicas<sup>xx</sup>. Sendo criada, ainda, a partir de analogias etnográficas e lingüísticas, uma nomenclatura *sui generis* para identificar a tralha



cerâmica Tupiguarani (BROCHADO, MONTICELLI e NEUMANN, 1990; BROCHADO e MONTICELLI, 1994; CORRÊA, 2009; JÁCOME, 2006; KASHIMOTO e MARTINS, 2008; LA SALVIA e BROCHADO, 1989; NOELLI, 1993; PROUS, 2010).

Assim, os arqueólogos passaram a classificar as peças inteiras, ou as formas reconstituídas a partir dos fragmentos como *yapepó* ou *nhaempepo*; *ñetá*; *cambuchí* ou *camuci*; *cambuchi caguába* ou *caguaba*; *ñmopyu* ou *nhaempéuna*; *ñaembé* ou *nhaen*; *ñaembé-guaçu* ou *nhaeppigoaya*.

Segundo Corrêa (2009, p.202) os *yapepó* ou *nhaempepo* eram vasilhames destinados ao preparo de alimentos cozidos sobre o fogo, mas poderiam também servir secundariamente como urnas funerárias; apresentando contornos globulares de base arredondadas ou conoidais, e forma variando entre hemisférica com estrutura ligeiramente aberta a esférica muito fechada. As *ñetá* também podiam ser utilizadas na preparação de alimento sobre o fogo, todavia, seu uso secundário seria o de “tampa” para os vasilhames utilizados como urnas funerárias; apresentam estrutura mais aberta e forma conoidal com bordas contraídas ou apenas reforçada para vasilhames menores e bases aplainadas (CORRÊA, 2009, p.205).

As *cambuchí* ou *camuci* seriam utilizadas para conter, preparar e servir líquidos (água e cauim), sendo recorrente seu uso secundário como urna funerária em enterramentos primários e secundários; apresentam tanto contornos simples ovóides ou piriformes quanto formas complexas, carenadas e com ombros escalonados, possuem sempre bordas diretas com estrutura restrita e bases conoidais (CORRÊA, 2009, p.206). Já os *cambuchi caguába* ou *caguaba* eram vasilhames para servir e consumir bebidas, “os contornos dos *caguaba* podem ser simples, angulares ou infletidos, quase sempre com contorno de abertura circular, mas temos pelo menos um vasilhame elíptico” (CORRÊA, 2009, p.220).

Os *ñaembé* ou *nhaen* eram vasilhames utilizados para servir e comer; apresentam grande variação morfológica sendo comum tanto exemplares de pequenos diâmetros até aqueles superiores a 60 cm, a estrutura aberta hemisférica pode ter contornos simples ou complexos (CORRÊA, 2009, p.213-214). As *ñaembé-guaçu* ou *nhaeppigoaya* também eram usadas para servir alimentos, e são encontradas em contextos funerários como acompanhamento; possuem contorno de abertura quadrangular ou elíptica (CORRÊA, 2009, p.217).

Já as *ñmopyu* ou *nhaempéuna* teriam sido empregadas para torrar farinhas ou produzir beiju, sendo que as mais profundas e menores poderiam ter sido utilizadas para servir líquidos; possuem estrutura muito aberta e pouca profundidade, sendo comuns lábios arredondados, apontados e serrilhados (CORRÊA, 2009, p.211-212).



Além dos recipientes produzidos através da sobreposição de cordões de argila, os ceramistas Tupiguarani também confeccionavam objetos modelados no barro. Apesar da baixa frequência, peças modeladas foram encontradas em sítios de todas as regiões do país (PROUS, 1992, p.396).

De modo geral, estes artefatos podem ser divididos em duas categorias: modelagens figurativas e modelagens utilitárias ou instrumentais. As modelagens figurativas englobam representações antropomorfas e zoomorfas, que podem tanto terem sido utilizadas como apêndices ou detalhe dos vasilhames; darem formas aos cachimbos; ou indicarem a existência de uma estatuária temático-figurativa entre os Tupiguarani (PANACHUK e CARVALHO, 2010, p.65-70).

Já sob a alcunha de modelagem utilitária estão englobados tanto partes de vasilhas, como alças, asas, bases, quanto instrumentos independentes como funções próprias, tais como tortual de fuso; as colheres; os suportes de panela; as trempes; os cachimbos; e os adornos corporais (PANACHUK e CARVALHO, 2010, p.71-83).

## **DIVERSIDADE NA UNIDADE: MATIZES REGIONAIS DA OLARIA TUPIGUARANI NO BRASIL**

Apesar da recorrência de características gerais, que nos permitem identificar como pertencentes a uma mesma tradição arqueológica artefatos encontrados numa extensa área da América do Sul, observa-se também significativa variabilidade entre os acervos regionais. Sendo que as publicações mais recentes buscam explorar as matizes locais dos sítios Tupiguarani.

Na região Norte, apontada por muitos autores como área originária da cerâmica Tupiguarani, diversos trabalhos, tendo como foco a cultura material Tupiguarani, tem sido realizados nos últimos anos (ALMEIDA, 2008; CRUZ, 2008; MACHADO 2005; PEREIRA, 2008; SOUSA, E. 2009).

No Pará, por exemplo, pesquisas desenvolvidas nos últimos 40 anos têm contribuído para a ampliação dos dados sobre a presença Tupiguarani na região amazônica. Datações absolutas demonstraram que os ceramistas Tupiguarani ocupavam a região do Baixo Tocantins em torno de 1000 A.D., produzindo, sobretudo, cerâmica com acabamento pintado (PEREIRA, 2008, p.50). Já no sudeste do Pará, observa-se um predomínio dos fragmentos alisados, e entre os com acabamento de superfície há predomínio do tratamento plástico. Nesta região foram identificados desde sítios de pequenas dimensões, pouca profundidade e baixa densidade de material arqueológico -



considerados como sítios acampamentos ou de habitação temporária; e também, áreas extensas com grande quantidade de material cerâmico, manchas com sedimento mais escuro, e material arqueológico em maiores profundidades – identificados como sítios habitação (PEREIRA, 2008, p.54).

Alguns sítios da região Norte além de apresentarem grande quantidade de material cerâmico, demonstraram uma significativa heterogenia morfológica, chegando a serem identificadas até 17 tipos diferentes de formas (ALMEIDA & GARCIA, 2008, p.101-102). Observou-se também o uso endêmico do cariapé, obtido através de cascas de árvores queimadas e moídas, e do cauixi, derivado de um espongiário de água doce (ALMEIDA, 2008, p.90-91; SOUSA, 2009, p.91); e a produção de vasilhames com “bordas vazadas”, cuja presença em sítios Tupiguarani, até o momento, foi revelada apenas na região Norte (ALMEIDA, 2008, p.197; ALMEIDA & GARCIA, 2008, p.101).

Na região Nordeste, abundam relatos sobre a cerâmica Tupiguarani, principalmente na faixa litorânea e nas zonas da mata dos diferentes estados. Deste modo, ao longo dos anos diferentes autores se dedicaram à investigação da presença Tupiguarani neste contexto (ALBUQUERQUE, 1983-1984, 1985, 1991, 1991<sup>a</sup>, 2008; ALBUQUERQUE e LUCENA, 1991a, 1991b; AMARAL, 2015; ETCHEVARNE, 1999-2000, 2009; MARANCA, e MEGGERS, 1980; MARTIN, 2008; NASCIMENTO, 1990, OLIVEIRA, C., 2009; OLIVEIRA, C. et al 2006, 2007).

Essas pesquisas proporcionaram a sistematização de uma extensa gama de informações sobre os sítios Tupiguarani no Nordeste, bem como revelaram as nuances da materialidade Tupiguarani produzida em terras nordestinas. Demonstrando, por exemplo, a grande popularidade que as formas abertas de boca quadrangular ou elíptica, e elaborada pintura policrômica, alcançaram entre os ceramistas locais (ALBUQUERQUE, 2008, p.77); e a pouca atenção dedicada à elaboração de vasilhames com acabamento plástico (MARTIN, 2008, p.193).

Mas, sem sombra de dúvidas, a maior contribuição das pesquisas realizadas no contexto Nordestino, foi o levantamento e análise de dados contestes ao até então unanimemente aceito “modelo da Floresta Tropical”; que afirmava que a ocupação Tupiguarani teria se restringido a áreas com ecossistema típico das florestas úmidas. As pesquisas realizadas por Albuquerque (1991, 2008) demonstraram que no Nordeste do Brasil os Tupiguarani se expandiam por diferentes regiões fisiográficas, indicando, inclusive, que esses grupos haviam se adaptado às condições de semi-aridez predominante nos sertões nordestino (ALBUQUERQUE e LUCENA, 1991a, 1991b).



Quantitativamente, o número de pesquisas realizadas em sítios Tupiguarani localizados no Sudeste do Brasil é muito superior ao das demais regiões do país. Deste modo, a bibliografia especializada oferta uma vasta gama de informações, atendo-se tanto à identificação e análise de elementos recorrentes à tradição Tupiguarani, quanto à compreensão das especificidades locais.

No Rio de Janeiro Ondemar Dias elenca uma série de características ubiquistas à cerâmica encontrada neste estado (DIAS, O. 2009; DIAS e PANACHUCK, 2008); argumenta que, ao contrário do que muitos pensavam, não há uma discrepância entre o número de peças pintadas e aquelas decoradas plasticamente. Havendo sim um predomínio de peças simples ou alisadas. Este autor, também sugere a existência de um padrão no uso dos vasilhames cerâmicos em contexto funerário:

A urna principal (urna 1), onde jaziam os ossos, é normalmente de formato periforme, corrugada espatulada e pode assumir um considerável tamanho, com bocas circulares variando de 42 a 65cm de diâmetro (normalmente cerca de metade da altura da peça mas podendo chegar a 95% dela). Sobre ela era depositada uma grande tigela rasa, profusamente decorada na face interna, borda reforçada ou expandida, fechando a boca da principal e tendo um diâmetro coincidente com aquela, ou ligeiramente maior. É o que a maioria dos autores chama de “tampa” (urna 2), cuja proporção aumenta bastante, com bocas que ultrapassam a altura dos vasilhames em até 275%. Algumas vezes ela era protegida por outra tigela, esta mais funda, que na maior parte das vezes, possui uma carena na borda, sendo também corrugada (urna 3). Esta peça pode envolver inteiramente a peça pintada. Ambas com bocas circulares. Nesta última, como é mais funda, a proporção diâmetro de boca/altura costuma não ultrapassar 135%. Sobre elas eram colocadas (duas ou três) tigelas menores, com bocas elípticas (e rasas)” (DIAS e PANACHUCK, 2008, p.100).

Em São Paulo, sítios Tupiguarani foram escavados em todo o estado, contudo, merecem destaque os trabalhos realizados no vale do Paranapanema. As pesquisas desenvolvidas por Pallestrini (1975, 1976, 1977, 1983, 1988,) com seus colaboradores e discípulos (MORAIS, 1979, 1981, 1984), pautaram-se em uma metodologia (escavação em superfícies amplas) até então pouco utilizada no país. E deste modo, elencaram importantes informações sobre o contexto horizontal dos sítios da região, erigindo a base para a análise da distribuição espacial dos vestígios, e compreensão da organização espacial Tupiguarani.

Outros temas vigorosamente debatidos a partir do contexto arqueológico do vale do Paranapanema são as fronteiras territoriais e tecnológicas (ARAÚJO, 2001; MORAES, 2007). O rio Paranapanema é apontado por vários autores como marco delimitatório das

áreas de influência de grupos étnicos Tupi e Guarani, bem como das subtradições arqueológicas Corrugada ou Guarani, e Pintada ou Tupinambá (SCATAMACCHIA, 1990, 2008, 2009).

Em Minas Gerais houve, nos últimos anos, um grande avanço quantitativo e qualitativo nas pesquisas arqueológicas, demonstrado, sobretudo, na ampliação da bibliografia produzida (CORREA, 2009; JÁCOME, 2006; LOURES OLIVEIRA, A. 2004, 2006, 2008; LOURES OLIVEIRA, J. 2007; MAGESTE, 2012; PILÓ, 2008). Assim, novos sítios foram localizados e estudados em diversas partes do estado, revelando, por exemplo, que em áreas historicamente vinculadas à presença de grupos Jês, descritos como possíveis produtores da cerâmica arqueologicamente classificada como Aratu-Sapucai, predominavam sítios com a presença de cerâmica tipicamente Tupiguarani. As pesquisas também sugerem que nas regiões Oeste e Norte de Minas Gerais a ocupação Tupiguarani parece ter sido limitada e fugaz; já as regiões Sul e Leste seriam o *locus* de uma estadia mais estável e duradoura, como demonstra o abundante material arqueológico encontrado nos sítios locais (DIAS e PANACHUCK, 2008, p.110).

A análise da presença Tupiguarani no Centro-Oeste do país é relativamente recente, não tendo sido o foco das pesquisas inicialmente realizadas na região. Contudo, os dados arqueológicos atualmente publicados sobre o Brasil central demonstram claramente a presença de vestígios cerâmicos Tupiguarani em sítios datados entre os séculos VIII e XVII, indicando uma longa duração na ocupação da área (KASHIMOTO e MARTINS, 2008, p.154-158).

Foram localizados sítios arqueológicos nos vales dos rios Araguaia e Parnaíba, nas bacias dos rios Paraguai e Paraná, no planalto do Maracujá, entre outras áreas. A bibliografia descreve desde grandes sítios a céu aberto com farta cerâmica policrômica e com decoração plástica associada aos ceramistas Tupiguarani; à contextos onde a presença da cerâmica Tupiguarani parece ser intrusiva em sítios das tradições Uru e Aratu/Sapucai (KASHIMOTO e MARTINS, 2008, p.153).

No Centro-Oeste, a cerâmica Tupiguarani também esteve associada a estruturas funerárias. Havendo relatos da descoberta de até trinta “urnas”, várias delas com ossos e alguns tembetás de cristal de rocha ou de resina, em um único sítio (KASHIMOTO e MARTINS, 2008, p.154). Contudo, na região há “evidente predominância dos recipientes com fundo cônico, influência típica das representações simbólicas/morfológicas da cultura material dos consumidores de erva mate” (KASHIMOTO e MARTINS, 2008, p.158-162).



Por fim, na região Sul do país a análise da realidade Tupiguarani teve destaque na obra de pesquisadores de reconhecida importância para a arqueologia nacional (BROCHADO, 1973a, 1973b, 1977, 1980, 1984; CHMYZ, 1969, 1976; LA SALVIA, L. e BROCHADO, 1989; SCHMITZ, 1985, 1990) o que promoveu a grande aceitação desta temática entre os arqueólogos que se dedicaram ao estudo dos sítios meridionais nas Américas (MILHEIRA, 2008; PESTANA, 2007; KLAMT, 1996, 2004; ROGGE, 1996, 2004).

Essas pesquisas ofertam uma acurada descrição da tecnologia desenvolvida pelas oleiras Tupiguarani na região. Havendo uma variedade nas formas das peças (esféricas, semi-esféricas, meia calota, elipsoides horizontais, carenadas, cônicas e compostas); compostas tanto por pequeninas vasilhas de 4cm de boca, quanto por grandes recipientes com 95cm de boca (RIBEIRO, 2008, p.179). Além disso, a morfologia dos vasilhames indicaria que a alimentação dos grupos Tupiguarani que se instalaram nesta porção do país não estava pautada no beneficiamento e consumo da mandioca amarga, sendo mais provável, a utilização de grãos (principalmente o milho) ou a mandioca doce (BROCHADO, 1977).

Chama atenção a grande variedade dos acabamentos plásticos, cuja recorrência supera as decorações pintadas. O predomínio e a constância dos tratamentos plásticos de superfície fornecem, segundo alguns autores, indícios para compreensão da distribuição cronológica dos sítios Tupiguarani no Sul do país. Deste modo, o corrugado “mais acentuado ou profundo é mais popular nos sítios mais antigos, aplanado ou ficando mais tênue com o passar do tempo chegando, inclusive, a dificultar sua classificação” (RIBEIRO, 2008, p.184-185).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ficou evidente ao longo do texto, optamos, neste momento por abordar aqueles traços que emergiram como os mais comuns, ou repetidos, na dita cerâmica Tupiguarani. Em uma tentativa de representar as tendências identificáveis do repertório tecnológico que caracteriza esta tradição arqueológica.

Neste sentido, coadunamos com a premissa alçada por Scatamachia (1981, p.36), de que o termo Tupiguarani é, antes de tudo, “uma criação feita por arqueólogos”, e deste modo a pertinência de seu uso depende, em cada contexto, da realidade desvelada a partir dos vestígios arqueológicos.



Pois como advertem Ondemar Dias e Lilian Panachuck “o fato é que nem mesmo dois sítios apresentam materiais iguais. Cada grupo social, mesmo aqueles que constituíram uma única aldeia, possuem elementos peculiares, próprios, manifestações individualizadas, seja em nível pessoal, seja em nível grupal” (DIAS e PANACHUCK, 2008, p.93).

Contudo, como buscamos abordar no decorrer deste artigo, também é possível reconhecer a ontológica ligação existente entre os sítios Tupiguarani,

O que os une são as tendências repetidas, os percentuais de ocorrência deste ou daquele tipo – seja de decoração, de forma, de ritual, de localização das casas e das aldeias ou do aproveitamento do espaço – que normalmente só podem ser visualizados e entendidos se estudados em suas micro-diferenças e observados sob o critério comparativo, com a devida ênfase nas semelhanças e nas diferenças de cada um em seu contexto global. Um conjunto de elementos que obviamente variam no tempo e no espaço, mas que tem para uni-los diversos padrões que se manifestam e se repetem ora de forma sutil, ora bem explícita (DIAS e PANACHUCK, 2008, p.93).

Neste sentido, apesar de reconhecermos as especificidades inerentes aos sítios arqueológicos identificados em todo país, acreditamos que a validade do conceito de tradição Tupiguarani seja indelével quando nos atemos às “tendências repetidas” ou aos “padrões”, como sugerido por Dias e Panachuck e apresentado anteriormente. Mais do que a imputação de um rótulo sobre a cultura material encontrada em diferentes sítios, a adoção do conceito de tradição Tupiguarani se faz válida e útil por viabilizar o diálogo com pesquisadores de todo o país, e reconhecer a unidade na diversidade. A afirmação da unidade promove a relevância das diversas matizes regionais no cenário explicativo sobre a expansão Tupiguarani. A admissão da diversidade demonstra como a análise de contextos específicos pode contribuir para ampliação de nosso conhecimento sobre os grupos pretéritos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M. Horticultores pré-históricos do Nordeste. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, v. 8/9, p. 131-134, 1983/1984.

ALBUQUERQUE, M. Agricultura pré-histórica no Nordeste. *Agreste*, Recife, n°. 7, p. 25, out./nov. 1985.



ALBUQUERQUE, M. Ocupação Tupiguarani no Estado de Pernambuco. *CLIO – Série Arqueológica* (Número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro). Recife, nº. 4, p. 115-116, 1991.

ALBUQUERQUE, M. Recomposição da forma em cerâmica Tupiguarani. *CLIO – Série Arqueológica* (Número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro). Recife, nº. 4, p. 121-122, 1991a.

ALBUQUERQUE, M.; Recipientes cerâmicos de grupos Tupi, no Nordeste brasileiro. In: PROUS, A.; LIMA, T.A. (org.) *Os ceramistas Tupiguarani: sínteses regionais*. Belo Horizonte: Sigma, 2008. p.67-89.

ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V. Caçadores-coletores no agreste pernambucano: ocupação e ambiente holocênico. *CLIO – Série Arqueológica* (Número extraordinário dedicado aos Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro). Recife, nº. 4, p. 73-74, 1991a.

ALBUQUERQUE, M.; LUCENA, V. Agricultura tropical pré-histórica (um sistema de floresta úmida ou que integra o semiárido). *Revista Ciência e Trópico*, Recife, v.19, nº.1, p. 7-33, 1991b.

ALMEIDA, F. O. de. *O complexo Tupi na Amazônia Oriental*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo, 2008.

ALMEIDA, F. O.; GARCIA, L. G. “Aspectos do espaço tupinambá”. *Revista de Arqueologia*, v.21, n.2: p.97-119, 2008..

AMARAL, A.M. *Andanças Tupiguarani na Chapada do Araripe: análises das correlações entre mobilidade humana, tecnologia cerâmica e recursos ambientais*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2015.

ARAUJO, A. G. de M. *Teoria e método em Arqueologia regional: um estudo de caso no alto Paranapanema, estado de São Paulo*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo. 2001.

BROCHADO, J.P. Migraciones que difundieron la tradición alfarera Tupiguarani. *Relaciones – Sociedad Argentina de Antropología*. Nova Série, Buenos Aires, nºVII, p.7-39. 1973a.

BROCHADO, J.P. *Desarrollo de la tradición alfarera Tupiguarani (AD 500- 1800)*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Gabinete de Arqueologia, Publicação n. 3. 1973b.



- BROCHADO, J.P. *Alimentação na floresta tropical*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Caderno n°. 2. 1977.
- BROCHADO, J.P. A tradição cerâmica Tupiguarani na América do Sul. *Clio*, Recife, v.3, p.47-60, 1980.
- BROCHADO, J. P. *An ecological model of the pread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - University of Illinois, Urbana. 1984.
- BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G. e NEUMANN, E. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas* v. 35, n° 104, p. 727-743. 1990.
- BROCHADO, J. P; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre. v. 20, n° 2, p. 107-118. 1994.
- BUARQUE, A. Pesquisas arqueológicas em sítios Tupinambá em Araruama. In: LOURES OLIVEIRA, A. P. P. (org.) *Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2009, p. 37-64.
- CHMYZ, I *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. Manuais de Arqueologia II, Curitiba: CEPA/UFPR, 1969.
- CHMYZ, I. *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. Manuais de Arqueologia I, Curitiba: CEPA/UFPR, 1976.
- CORRÊA, Â. A. *Tetama nas matas mineiras: sítios Tupi na microregião de Juiz de Fora*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo. 2009.
- CRUZ, D. G. da. *Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo. 2008.
- DIAS, O. A Tradição Tupiguarani no estado do Rio de Janeiro In: LOURES OLIVEIRA, A. P. P. (org.) *Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora:Ed. UFJF, 2009, p. 65-88.
- DIAS, O.; PANACHUCK, L. Características da tradição Tupiguarani no sudeste do Brasil In: PROUS, A; LIMA, T. A. (Ed.). *Os ceramistas Tupiguarani. Volume I – Sínteses Regionais*. Belo Horizonte: Sigma, 2008, p.91-116.
- ETC.HEVARNE, C. A ocupação humana do Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. *Revista da USP*, São Paulo, n°.44, p. 112-141, 1999-2000.



- ETC.HEVARNE, C. Os grupos Tupi na Bahia: uma abordagem arqueológica In: LOURES OLIVEIRA, A. P. P. (org.) *Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2009, p. 111-130.
- JÁCOME, C.P. *Ayquatiá da yapepó: estudo dos materiais utilizados na cerâmica pintada Tupiguarani de Minas Gerais*. 2006. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- KASHIMOTO, E. M.; MARTINS, G. R. A Problemática Arqueológica da tradição cerâmica Tupiguarani em Mato Grosso do Sul In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Eds.). *Os ceramistas Tupiguarani. Volume I – Sínteses Regionais*. Belo Horizonte: Sigma, 2008, p.149-178.
- KLAMT, S. C. *Uma contribuição para o sistema de assentamento de um grupo horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani*. Tese (Doutorado em História) –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura. 1989.
- LIMA, T. A. O problema da atribuição de identidades étnicas a registros arqueológicos. In: LOPONTE, D.; ACOSTA, A. (org.) *Arqueología Tupiguaraní*. Buenos Aires: INAPL, 2011, p. 7-23.
- LOURES OLIVERIA, A.P.P. (org.) *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata mineira: São João Nepomuceno*. Juiz de Fora: Editar, 2004.
- LOURES OLIVEIRA, A. P. P. (Org.) *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata mineira: Juiz de Fora*. Juiz de Fora: MAEA-UFJF, 2006.
- LOURES OLIVEIRA, A. P. P. (Org.). *Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata mineira: Carangola*. Juiz de Fora: MAEA-UFJF, 2008.
- LOURES-OLIVEIRA, J. C. *Ecologia e Arqueologia da Paisagem: um estudo dos sítios pré-coloniais da Zona da Mata mineira*. Dissertação (Mestrado em Ecologia), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.
- MACHADO, J. S. *Montículos artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP, São Paulo, 2005.
- MAGALÃES et al. Análise Atômica de Pigmentos em Cerâmicas Tupinambá In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Ed.). *Os ceramistas Tupiguarani. Volume II – Elementos decorativos*. Belo Horizonte: Sigma, 2010, p.211-216.



- MAGESTE, L.E.C. *Entre estilo e função: estudo do sítio Córrego do Maranhão, Carangola – MG*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo.
- MARANCA, S; MEGGERS, B. Uma reconstituição de organização social baseada na distribuição de tipos de cerâmica num sítio habitação da tradição Tupiguarani. *Pesquisas*. São Paulo, n°.31. p.227-247. 1980.
- MARTIN, G. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.
- MÉTRAUX, A. *La civilization matérielle des tribu Tupi-Guarani*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1928.
- MILHEIRA, R. G. *Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste – RS*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo. 2008.
- MORAES, C. A. de. *Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo da variabilidade artefactual*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo. 2007.
- MORAIS, J.L. A Ocupação do Espaço em Função das Formas de Relevo e o Aproveitamento das Reservas Petrográficas por Populações Pré-Históricas do Paranapanema, SP. *Coleção Museu Paulista, Série Arqueologia*, v.6, p.80. 1979.
- MORAIS, J.L. Projeto Paranapanema: avaliação e perspectivas. *Revista de Antropologia*, v.24, p.141-151.1981.
- MORAIS, J.L. Prospecções arqueológicas no Médio Paranapanema paulista. *Revista de Pré-História*, São Paulo, v.6, p.216-220, 1984.
- NASCIMENTO, A. *A Aldeia do Baião, Araripina-PE: um sítio pré-histórico cerâmico no sertão pernambucano*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1990.
- NOELLI, F. *Sem tekoba não há teko: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência Guarani e sua aplicação em uma área de domínio no delta do Rio Jacuí – RS*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1993.
- OLIVEIRA, C. A. Pesquisas sobre a Cerâmica pré-histórica no Brasil. *Clio*. Recife, v.1, n°7, p.11-88, 1991.
- OLIVEIRA, C. A. As fronteiras tecnológicas de grupos pré-históricos ceramistas do Nordeste. In: LOURES DE OLIVEIRA, A.P.P. (org.) *Estado da arte das pesquisas arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, p.131-150.



- OLIVEIRA, C.A. et al. Os grupos pré-históricos ceramistas da Chapada do Araripe: prospecções arqueológicas no município de Araripina-PE. *Clio*. Recife, v.2. n.º.21, p.333-350, 2006.
- OLIVEIRA, C.A. et al. *Relatório Final*: Os grupos pré-históricos ceramistas da Chapada do Araripe. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- PALLESTRINI, L. Interpretação das estruturas arqueológicas em sítios do Estado de São Paulo. *Coleção Museu Paulista, Série Arqueologia*. São Paulo, v. 1, 1975.
- PALLESTRINI, L. Estratégias de ataque na evidenciação de testemunhos arqueológicos. *Revista do Museu Paulista*, v.23, p.109-127, 1976.
- PALLESTRINI, L. Achados de aldeias pré-históricas no vale do Paranapanema. *Revista de Atualidade Indígena*, n.º.4, p.34-39, 1977.
- PALLESTRINI *A cerâmica pré-histórica no estado de São Paulo*. Associação Brasileira de Cerâmica, v. 29, n. 159, 1983.
- PALLESTRINI, L. Projeto Paranapanema: Sítio Arqueológico Nunes, Estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista*, v.33, p.129-142, 1988.
- PANACHUK, L.; CAVALHO, A. Modelagens de barro em sítios Tupiguarani In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Ed.). *Os ceramistas Tupiguarani. Volume II – Elementos decorativos*. Belo Horizonte: Sigma, 2010, p.57-88.
- PEREIRA, E. et. al. A tradição Tupiguarani na Amazônia In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Ed.). *Os ceramistas Tupiguarani. Volume I – Sínteses Regionais*. Belo Horizonte: Sigma, 2008, p.49-66.
- PESTANA, M. B. *A tradição Tupiguarani na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. 2007.
- PILÓ, H.M.D. *Arqueologia Tupiguarani: relações entre as implantações dos sítios e cultura material no Médio Rio Doce*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.
- PRONAPA. *Arqueologia brasileira em 1968*. Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas. Publicações Avulsas. Belém, 1969.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 1992.
- PROUS, A.. A pintura na cerâmica Tupiguarani. In: PROUS, A.; LIMA, T. A. (Ed.). *Os ceramistas Tupiguarani. Volume II – Elementos decorativos*. Belo Horizonte: Sigma, 2010, p.113-216.



RIBEIRO, P.A.M. A tradição ceramista Tupiguarani no sul do Brasil In: PROUS, A.; LIMA, T.A. (Ed.). *Os ceramistas Tupiguarani. Volume I – Sínteses Regionais*. Belo Horizonte: Sigma, 2008, p.179-196.

ROGGE, J.H. Adaptação na Floresta Tropical: A Tradição Tupiguarani no Médio Jacuí e no Rio Pardo. *Documentos 6*, São Leopoldo: IAP. 1996.

ROGGE, J.H. *Fenômenos de Fronteira: Um Estudo das Situações de Contato entre os Portadores das Tradições Cerâmicas Pré-históricas no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em História) Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

SCATAMACHIA, M.C.M.. *Tentativa de caracterização da tradição Tupiguarani*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo– MAE/USP. São Paulo. 1981.

SCATAMACCHIA, M.C.M. A Tradição policrômica do leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etnohistóricas. Tese (Doutorado em Arqueologia). – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – MAE/USP. São Paulo. 1990.

SCHMITZ, P.I. ‘Território de domínio’ em grupos Tupiguarani. Taquara-RS. *Boletim do MARSUL*. n° 3, p.45-52. 1985.

SCHMITZ, P. I. et al. Uma Aldeia Guarani. Projeto Candelária, RS. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas - IAP/UNISINOS. *Documentos 4*. 1990.

SCHMITZ, P.I. A decoração plástica na cerâmica da Tupiguarani. In: PROUS, André; LIMA, T.A. (Ed.). *Os ceramistas Tupiguarani. Volume II – Elementos decorativos*. Belo Horizonte: Sigma, 2010, p.07-26.

SOUSA, E. S. *O potencial interpretativo dos artefatos cerâmicos: a tradição Tupiguarani na Amazônia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Comentários ao Artigo de Francisco Noelli. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v.39, n°2, p. 55-60. 1996.

---

<sup>i</sup> “Revestimento superficial de barro fino; aplicado ao vasilhame antes da queima” (CHMYZ, 1969, p.5)

<sup>ii</sup> “Tipo de tratamento que consiste na aplicação, antes da queima, de uma camada superficial de pigmentos minerais, mais delgada do que o engobo na superfície do vasilhame” (CHMYZ, 1976, p.122)

<sup>iii</sup> “O corrugado se origina, basicamente, do ato de rejuntar os roletes de barro com os quais se constroem as paredes da vasilha, pressionando um rolete contra o outro, com o uso do polegar ou de um artefato correspondente; o efeito é uma sucessão de depressões e saliências, que resultam em uma superfície enrugada, que cobre a parede externa do corpo da vasilha, algumas vezes apenas a sua borda, ou pescoço. Efeito semelhante pode ser alcançado imprimindo na superfície previamente alisada, mas ainda moldável, um conjunto de depressões parecidas” (SCHMITZ, 2010, p.10).

<sup>iv</sup> “[...] saliências lineares horizontais sem destaque das marcas de dedos ou espátulas” (SCHMITZ, 2010, p.10).



- <sup>v</sup> “[...] saliências lineares horizontais em que os resultados das depressões individuais se encontram separados por pequenos sulcos, lembrando uma cobertura com telha francesa” (SCHMITZ, 2010, p.10).
- <sup>vi</sup> “[...] as saliências e depressões bem marcadas se sucedem formando alinhamentos horizontais sucessivos” (SCHMITZ, 2010, p.10).
- <sup>vii</sup> “[...] por cima dos Corrugados originais se imprime a borda da unha de forma regular ou irregular” (SCHMITZ, 2010, p.10).
- <sup>viii</sup> “[...] as saliências e depressões não formam alinhamentos horizontais tão claramente separados, mas se “traçam” entre si” (SCHMITZ, 2010, p.10).
- <sup>ix</sup> “[...] as depressões são mais longas e rasas e muitas vezes cobrem mais de um rolete” (SCHMITZ, 2010, p.10).
- <sup>x</sup> “[...] impressões pouco marcadas em cima da massa anteriormente alisada” (SCHMITZ, 2010, p.10).
- <sup>xi</sup> “Quando os roletes não são fechados, na parede externa, os arqueólogos falam de um acabamento Roletado” (SCHMITZ, 2010, p.10).
- <sup>xii</sup> “O uso da impressão da unha sobre a parede previamente alisada, mas ainda moldável, para formar depressões características em alinhamentos horizontais ou verticais, formações zonais definidas, “nuvens” de impressões, distribuição concentrada ou dispersa no corpo da vasilha” (SCHMITZ, 2010, p.12).
- <sup>xiii</sup> “[...] impressão simultânea da unha do polegar e do indicador com algum arraste de massa em cada dedo” (SCHMITZ, 2010, p.12).
- <sup>xiv</sup> “[...] o mesmo movimento do Pinçado, formando uma saliência linear contínua à semelhança de uma ‘serra’.” (SCHMITZ, 2010, p.12).
- <sup>xv</sup> “O Acanalado esta representado por sulcos produzidos com o dedo ou artefato adequado na massa ainda moldável” (SCHMITZ, 2010, p.12).
- <sup>xvi</sup> “O Ponteadado é produzido por artefatos com ponta, o qual pode ter formas diferentes, que deixa marcas correspondentes a este formato, quando impressa sobre a massa alisada, ainda moldável” (SCHMITZ, 2010, p.12).
- <sup>xvii</sup> “O Inciso, também na pasta fresca já alisada, forma combinações lineares variadas que, às vezes, imitam desenhos geométricos da cerâmica pintada” (SCHMITZ, 2010, p.12).
- <sup>xviii</sup> “Técnica de decoração em que se imprime marcas” (CHMYZ, 1976, p.132).
- <sup>xix</sup> “O Escovado esta representado por feixes de estrias paralelas, produzido por objeto áspero para acabamento da parede externa da vasilha” (SCHMITZ, 2010, p.12)
- <sup>xx</sup> “Cada categoria morfológica tem uma função distinta, por isso, permite ter uma informação dos preparos alimentares em cada sítio ou fase. Já dissemos que as igaçabas são praticamente recipientes para líquidos e jarras para preparação de bebidas fermentadas, além de sua função funerária; os recipientes globulares esféricos servem ao preparo de alimentos fervidos, enquanto os abertos permitem a torrefação (particularmente os assadores do litoral, provavelmente destinados ao preparo da farinha de mandioca), além de servirem como tampas de urnas e mobiliário funerário. As grandes tinas tinham provavelmente a mesma função, a não ser que tenham sido reservadas para fins sepulcrais” (PROUS, 1992, p.396).

